

ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A TENDÊNCIA À RAZÃO INSTRUMENTAL

SUPERVISED INTERNSHIP AND TENDENCY TO INSTRUMENTAL REASON

Elenilce Gomes de Oliveira¹

Carlos Augusto de Oliveira Azevedo Filho²

RESUMO

Destaca a tendência à razão instrumental, com base em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, cuja crítica a essa racionalidade constitui marco importante para a compreensão dos obstáculos à emancipação e à liberdade humana. A metodologia tem suporte na acepção do materialismo histórico-dialético, de modo a evidenciar elementos atinentes às relações histórico-sociais. Dessa maneira, põe em resalto peculiaridades relativas à manifestação desta racionalidade no âmbito do Estágio Supervisionado, componente curricular da Licenciatura em Teatro, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará.

Palavras-chave: Racionalidade. Adorno. Horkheimer. Formação. Estágio

ABSTRACT

The present paper highlights the tendency to instrumental reason as developed by Theodor W. Adorno and Max Horkheimer, whose criticism to this rationality constitutes an important milestone for understanding the obstacles to human emancipation and freedom. The methodology is based on the dialectical and historical materialism, in order to point elements related to historical-social relations. In this way, it emphasizes peculiarities related to the manifestation of this rationality within the scope of Supervised Internship as one of the curricular components of the Teaching License in Theater at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Ceará.

Key-words: Rationality. Adorno. Horkheimer. Formation. Supervised Internship.

¹ Atualmente, desenvolve suas atividades no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Membro do Fórum Estadual de Educação do Ceará. Colabora com o Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira/UFC. Co-fundadora do Núcleo de Pesquisa em Educação Profissional (NUPEP). Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Ceará. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) e de licenciaturas em Artes Visuais e Teatro.

² Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Graduado em Artes Cênicas pelo Centro Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará (CEFET CE) e em Licenciatura em Teatro pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará (IFCE) - caoafi@gmail.com

INTRODUÇÃO

O pensamento crítico, que não se detém nem mesmo diante do progresso, exige hoje que se tome partido pelos últimos resíduos de liberdade, pelas tendências ainda existentes a uma humanidade real, ainda que pareçam impotentes em face da grande marcha da história. (ADORNO&HORHEIMER, prefácio da *Dialética do Esclarecimento*)

Na obra *Dialética do Esclarecimento*, Teodor W. Adorno e Max Horkheimer (1985) ressaltam o fracasso do Iluminismo em relação ao cumprimento da promessa de liberdade ao ser humano, haja vista haver substituído a superstição e os mitos por outros mitos – as categorias que permitem a apropriação da natureza. Os principais próceres frankfurtianos não desconsideram a contribuição do Iluminismo para a expansão do conhecimento científico e, conseqüentemente, o domínio da natureza e inovação, permitindo aumento da eficiência das máquinas na extração dos recursos necessários à melhoria da qualidade de vida das pessoas. Eles criticam, sobretudo, o fato de as estratégias do esclarecimento despojarem-se da correlação com a modalidade social que lhes deu causa: o capitalismo. Neste sentido, aponta os aspectos negativos do esclarecimento, aprisionado na reprodução da forma social fracionada entre dominantes e dominados.

O Esclarecimento, de fato, acendeu suas enormes lanternas aos homens e permitiu conhecerem mais em extensão e profundidade, mas envasilhou o pensamento no recipiente da calculabilidade e da previsibilidade, consoante às feições sociais capitalistas. Desta feita, constituiu uma maneira de pensar cética e apegada ao método científico, desprezando a dúvida e a reflexão sobre o pensamento. É neste sentido que Adorno & Horkheimer sustentam a tese de que as pessoas foram aprisionados pela corrente filosófica que lhes prometeu salvar da ignorância e do mito. Os limites da razão à eficiência e à ausência de autorreflexão constitui o aprisionamento, em vez da liberdade.

De fato, os homens permanecem atrelados aos elementos positivistas da razão – descrição, inferência, classificação – trazendo prejuízo à reflexão acerca das finalidades. Com efeito, essa razão instrumental é centrada na reunião de elementos formais e acrílicos do pensamento, deixando de desenvolver questionamentos acerca do sentido e significado social das metas a serem atingidas.

Outro destaque importante expresso na produção de Adorno e Horkheimer consiste no entendimento de que a razão se tornou instrumental, contribuindo, desta maneira,

para a suspensão da liberdade humana e constituindo obstáculos à emancipação, sem que os seres humanos encontrem condições para remover esses empecilhos.

Adorno e Horkheimer relembram o mito de Ulisses, que reprime sua energia libinal sacrificando-se, amarrado a um mastro de sua embarcação, a fim de ouvir as sereias. Essa analogia do mito e em relação ao esclarecimento permite aos autores chamar a atenção para o sacrifício e a repressão de si como características comuns, entre outras, do mito e esclarecimento, porquanto, de um lado, o mito contém o esclarecimento e, de outro, o esclarecimento encerra o mito.

Com efeito, a pessoa - em coletividade - seja noutros tempos ou mesmo hoje, reprime sistematicamente a energia libinal, sacrificando-se, mas prossegue na busca de domínio da natureza e, extensivamente, da dominação de uns sobre os outros. Falta-lhes, entretanto, segundo Horkheimer (2002), o entendimento de que são, concomitantemente, vítimas e algozes da dominação, apesar da existência de condições tecnológicas e culturais para isso.

O que impede a nação humana de alcançar dita compreensão, na inteligência de Horkheimer (2002) é a razão instrumental, com a ressalva de que,

Se tivéssemos de falar de uma doença que afeta a razão, tal doença não deveria ser entendida como algo que tivesse abalado a razão em um determinado momento histórico, mas como algo inseparável da natureza da razão dentro da civilização, tal como vimos até agora. A enfermidade da razão está no fato de que ela nasceu do impulso do homem para dominar a natureza, e a sua "recuperação" depende da compreensão interna da natureza da doença original, e não de uma cura dos seus sintomas posteriores. A verdadeira crítica da razão descobrirá necessariamente os substratos mais profundos da civilização e explorará a sua história mais antiga. Desde o tempo em que a razão se tornou o instrumento para a dominação da natureza humana e extra-humana deixar de aspirar. Até mesmo a reconstrução formal e dissociadora dos dois princípios em separado, repousa num elemento de necessidade e verdade histórica. Através da sua autocrítica, a razão deve reconhecer as limitações dos dois conceitos opostos de razão; deve analisar o desenvolvimento da divisão entre os dois, perpetuada como tal por todas as doutrinas que tendem a triunfar ideologicamente sobre a antinomia filosófica em um mundo antinômico. Tanto a separação quanto a inter-relação entre os dois conceitos devem ser compreendidas. A ideia de autopreservação, o princípio que está conduzindo a razão subjetiva à loucura, é a própria ideia que pode salvar a razão objetiva do mesmo destino. Aplicada à realidade concreta, isso significa que só uma definição das finalidades objetivas da sociedade, incluindo-se o propósito de autopreservação do sujeito e o respeito pela vida individual, merece ser chamada de objetiva. O motivo consciente ou inconsciente que inspirou a formulação dos sistemas de razão objetiva foi a compreensão da impotência da razão subjetiva em relação à sua própria finalidade de autopreservação. Esses sistemas metafísicos expressavam de forma parcialmente mitológica a compreensão de que a autopreservação só pode ser realizada numa ordem supraindividual, isto é, através da solidariedade social. (IBIDEM, pp.180-1).

Nesse aprisionamento da razão subjetiva, o Positivismo constituiu-se o principal, senão a única certidão da verdade. A cultura tornou-se semicultura, afetando toda a vida humana. Em tendo sido assim, a formação, inclusive a escolar, se fez instrumento, e, portanto, semiformação. Isto significa considerar que a Educação, a escola e o ensino, inclusive das áreas humanas - como História, Geografia, Sociologia, Artes – tornaram-se instrumentais, danificando o caráter emancipatório do esclarecimento (MAAR, 1995).

Por oportuno, com base na categoria razão instrumental, em Adorno, analisa-se a formação docente, com recorte no processo formativo de professores de Teatro, destacando-a como claro indício da formação danificada ou semiformação, considerando as relações com a escola durante a experiência do estágio curricular supervisionado.

O desenvolvimento deste ensaio tem suporte no materialismo histórico-dialético, de modo a relatar as reflexões oriundas de uma pesquisa-ação desenvolvida durante as práticas de estágio supervisionado do curso de licenciatura em Teatro, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) nos anos de 2014, 2015 e 2016. Vale ressaltar o fato de que tal inserção transcorreu em duas escolas públicas que ministram educação básica, na cidade de Fortaleza, no Ceará.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA REVELAR A SEMIFORMAÇÃO E A RAZÃO INSTRUMENTAL NA PERSPECTIVA DE ADORNO E HORKHEIMER

O Curso de Licenciatura em Artes, ou, especificamente, em uma de suas linguagens, corresponde ao cumprimento de uma agenda de lutas realizadas pelas entidades nacionais, como a Federação Nacional de Arte-Educadores do Brasil, que se organizam no encalço do fortalecimento das políticas públicas no campo das linguagens artísticas, de modo que o espaço da docência seja preenchido por profissionais habilitados.

A formação específica de Artes teve respaldo recente, com a Lei 13.278/2016, que estabeleceu as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança como linguagens constituintes do componente curricular em Artes, obrigatória na Educação Básica. Antes desta importante conquista, o IFCE já mantinha licenciatura específica, tanto em Teatro quanto em Artes Visuais, adiantando-se, portanto, na ideia ora legalmente materializada.

No que tange ao Teatro, sobre o qual recai esta análise, vale destacar, inicialmente, a composição de sua estrutura curricular: estudo do corpo, dramaturgia,

interpretação e cultura popular, bem como fundamentos da educação, didática, políticas educacionais e estágio supervisionado.

Particularmente, concentra-se a atenção no Estágio Supervisionado, cujo desenvolvimento ocorre em 400 horas, sendo dividido por quatro semestres: o primeiro, destinado à observação, o segundo à prática de ensino no Ensino Fundamental, o terceiro no Ensino Médio e o último em cursos livres ofertados por entidades não governamentais.

Em linhas gerais, o percurso do Estágio compreende recomendações aos estagiários para evitar comportamentos invasivos ou constrangimentos aos profissionais e estudantes da escola receptora do estagiário. É proveitoso lembrar o conselho sobre o estabelecimento de relação do conteúdo do curso de licenciatura com a realidade da escola receptora. Nos semestres seguintes, os estagiários participam da docência, assumindo a sala de aula, em conformidade com o calendário ajustado com o professor regente da escola receptora.

Neste trajeto, destacam-se elementos indicativos de primazia da razão instrumental:

a) Desvalorização do estagiário

Ocorre desvalorização, tanto pela escola formadora, quanto pela instituição receptora do estagiário. Tal sucede sistematicamente, pois a escola formadora não dispensa a devida formalidade ao processo, deixando de efetuar a assinatura do Termo de Contrato de Estágio entre as partes, ainda que sem remuneração. Ao lado disso, o estagiário se encontra no “limbo”: padece sob o peso da hierarquia do professor orientador do estágio e da escola, embora não seja funcionário, assumindo o dever de aproximar ao máximo da responsabilidade requerida pelo correto desempenho na atividade docente. Já a escola receptora fornece os indícios de desvalorização, logo no recepcionamento, na medida em que consente o Estágio quase como “ato de caridade”, pois configura uma contribuição inexpressiva, haja vista o seu caráter descontínuo e desprovido do caráter de obrigatoriedade para a realização de tarefas, ainda que acertadas entre o professor da escola receptora e o estagiário. Neste mister, a organização de peças teatrais é mais requerida pelos gestores e demais docentes da escola receptora, sendo que, somente nestas ocasiões, a colaboração do estagiário confere visão geral.

Apesar da desvalorização dos estagiários em seu decurso de formação docente, assevera-se que o percurso do Estágio é decisivo na formação em tela, uma vez que permite o conhecimento dos meandros e descaminhos da atividade docente, em suas especificidades.

b) Limitação do tempo para o ensino de Artes, de 50 min

O desprestígio das Artes na sociedade reverbera na escola. Tal desabono, relacionado à razão instrumental dominante, se evidencia na ínfima carga-horária destinada às atividades de Artes. Tal contexto se agrava com a necessidade de criar um espaço propício para as Artes, uma vez que a disposição do mobiliário de sala de aula não se harmoniza ao desenvolvimento destas atividades. A atenção necessária a este aspecto resulta no consumo da maior parte do tempo destinado à aula ou atividade, pois requer adaptação do ambiente mediante afastamento de mobiliário, no início da aula, e recomposição dos móveis à disposição anterior, terminada a preleção. Além disto, os 50 minutos não correspondem ao imprescindível para que a Arte cumpra sua função, restringindo-se ao arremedo e à improvisação, descambando, logo em seguida, para a irresponsabilidade.

c) O professor preterido

O ensino de Artes, nas escolas públicas, ainda é, imprópria e esquisitamente, conferido ao professor de Português. A baixa carga-horária destinada às Artes contribui para a continuidade desta lamentável situação, propiciando superficialidade ou aridez desmedida de uma linguagem que, no lugar de permitir a criação e fruição, é conduzida à repetição e à decoreba sem quaisquer sentidos.

d) Redução do ofício da Arte na escola

O pensamento e a prática de Arte como produto são partilhados pela comunidade escolar, mormente nas proximidades de datas comemorativas. Tais expectativas constroem o estagiário, haja vista que carrega consigo a acepção da grandeza das Artes, sobretudo como mediação para o autorreconhecimento das dimensões humanas e suas transformações.

A Arte denota especificidades e características - liberdade de expressão e criação - que não podem ser absorvidas completamente pela sociabilidade capitalista, apesar de ser massificada e mercantilizada. Desta maneira, suas linguagens constituem opções capazes de contribuir no alcance da liberdade humana.

f) Desencorajamento pela profissão

Os professores abordam o estagiário para desdenhar do próprio ofício docente, sugerindo-lhe o abandono da iminente carreira. Frustração, conflito, angústia e desesperança aviltantes transbordam o seu pensamento, contaminado pela febre da negatividade e da instrumentalidade. Essa espécie de aconselhamento esconderia mecanismos de defesa desenvolvidos pela personalidade sofrida, tais como a auto-anulação freudeana? Os limites deste estudo não permitiram que se elucidem este ponto, embora suscitado ao longo do Estágio Supervisionado. De tal modo, o desencorajamento deixou uma marca profunda, sobretudo quando o estagiário alimenta a expectativa de confirmação da escolha profissional.

g) A competição entre o professor efetivo e o estagiário

A chegada do estagiário suscita desconforto ao regente da disciplina ou projeto de Arte, haja vista a ausência de formação específica do professor de Português, responsável por ministrar Artes na escola. O domínio dos conteúdos e de técnicas específicas das Artes, o despertar do interesse dos estudantes pelas atividades propiciadas pelo estagiário contribuem para a insegurança do docente, de modo que suscita uma competição velada e pouco sadia para ambos, problema, aliás de solvência bem difícil, até porque todos os docentes de Artes tenham essa formação específica.

h) A separação de saberes se recompõe no estágio

A formação de professores em Teatro mantém separados saberes da docência, bem como aqueles específicos de Teatro, restringindo, de um lado, a produção de conhecimento da área das Artes Cênicas, e, de outra banda, as práticas educativas permeadas pelo Teatro e o desenvolvimento deste como linguagem artística.

Vale adicionar, contudo, o fato de que o envolvimento do estagiário com a escola permite-lhe aumentar a reflexão acerca da realidade, ao longo de três semestres, período em que transcorre o Estágio. Desta maneira, o Estágio Supervisionado propicia a oportunidade para rearticular saberes específicos do Teatro e da Pedagogia, segmentados outrora no decorrer do curso de formação.

CONCLUSÃO

O ensino de Teatro como força pulsante capaz de contribuir em processos criativos, práticas educativas e na formação geral dos envolvidos com essa linguagem se confronta com o pensamento instrumental, que reduz esta linguagem ao campo da diversão e ao terreno da despolitização. Aí reside o contraditório entre a essência emancipatória e o fenômeno instrumental desta prática educativa em curso nas escolas e noutros espaços.

O estabelecimento da obrigatoriedade do ensino de Arte na Educação Básica colide com a carência de formações de professores nesta área, prejudicando o reconhecimento desse componente curricular, acarretando desgastes e conflitos que põem o ensino de Arte em uma situação escabrosa. Essa circunstância não reduz a relevância da conquista desse espaço, no âmbito da legislação educacional, mas suscita outros desafios, exigindo maior disposição, preparo técnico e engajamento político e ético dos sujeitos em formação, tais como os estagiários no ensino de Teatro, ainda que se confrontem e até reproduzam uma maneira de compreender o mundo cerceada e constituída pelo instrumentalismo do raciocínio Positivista. De qualquer modo, por obra e graça de a realidade ser dialética – e no exato rastro do pensamento dos dois frankfurtianos nomeados - , cresce a esperança de que não encaminha para a barbárie, pois a grande tarefa da ação educativa que se nutre é impedir tal monstruosidade. E os estagiários são aprendizes desta missão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985.

MAAR, W. L. Prefácio. In: Adorno. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Editora Centauro, 2002.